

O CAMINHO PARA PERDER UMA GUERRA

Major General
ROBERT W. CROW (*)

Da publicação norte-americana "Armor". Tradução pelo Cel R-1 LUIZ FELIPPE DA SILVA WIEDEMANN.

As forças aerotransportadas, as armas atômicas, os projéteis dirigidos e outras armas novas podem ganhar uma guerra no futuro; mas, o fracasso em criar um Exército de terra, móvel, organizado e equipado adequadamente, é o caminho mais provável para perdê-la.

É neste momento oportuno que devemos prestar a maior atenção às condições que deve possuir um Exército terrestre para ser empregado numa guerra moderna continental.

A História nos ensina que os mais gloriosos capitães empregaram dois principais elementos de assalto na batalha. O primeiro, e geralmente o mais numeroso, foi a Infantaria, e o segundo, a Cavalaria; ambos apoiados pela Artilharia, Engenharia, etc. A missão da Cavalaria foi a de proporcionar ao Comando a possibilidade de ocupar rapidamente pontos-chave do terreno, explorar o êxito e levar a cabo amplas e rápidas manobras. A necessidade de algumas forças terrestres com estas possibilidades nunca foi mais premente que hoje. Os meios para proporcionarem suas características à Cavalaria nunca foram tão apropriados.

A Cavalaria existia no passado porque havia necessidade de algumas forças que pudessem *combater montada*: forças que pudessem manter um ritmo mais rápido no ataque que as forças que combatessem a pé. A margem da História, a palavra "Cavalaria" significou a arma mais móvel do Exército e, neste sentido, é que tal palavra é empregada neste artigo. Ninguém abandone sua leitura crendo que é uma alegação para reviver o cavalo como elemento de combate. O cavalo já não é um sinônimo de Cavalaria, como não foi, anteriormente, o da Artilharia; já não tem lugar no campo de batalha.

Existe, hoje, uma grande tendência em confundir os termos "transportabilidade" e "mobillidade". Nos tempos passados, a Infantaria foi, em algumas ocasiões, transportada em cavalos; porém isto não a fez uma Cavalaria. Hoje em dia, a Infantaria pode transportar-se em meios ferroviários, em veículos motorizados ou aviões;

(*) O Major-General Robert W. Crow acaba de se retirar ao final de uma carreira dedicada inteiramente ao campo da mobillidade, desde seu início como oficial da Cavalaria, passando logo pelos primórdios da mecanização, até alcançar seu ápice, na II Guerra Mundial, comandando a 8.ª Divisão Blindada.

porém a Infantaria combate a pé. Maior mobilidade da que os soldados que combatem a pé só podem obter os que usem montarias das quais possam empregar suas armas e diminuir a distância sobre o inimigo sob os efeitos de seu fogo. A mobilidade, no sentido em que é usada neste artigo, refere-se ao movimento no campo de batalha; os mesmos meios podem ser usados ou não, somente para chegar ao campo de batalha.

O fato de que o cavalo tenha sido eliminado do campo de batalha não quer dizer de nenhuma maneira que tenha sido eliminada nem a Cavalaria nem as suas missões. Por muitas razões difíceis de compreender o nome "Cavalaria" foi eliminado ao abandonar o cavalo e substituí-lo pela palavra "Armor" (Fôrças Blindadas). Infelizmente não foi uma mudança acertada, causou muita confusão e pode causar um dano irreparável. A palavra "Armor" não indica claramente uma missão no campo de batalha, nem se refere a uma determinada Arma.

Todos necessitam, hoje, de meios blindados, "Armor", e o soldado que combate a pé também os emprega.

Outro erro é de que "carros de combate" e fôrças blindadas são conceitos sinônimos. As Armas se diferenciam por seu papel no campo de batalha, porque há determinadas missões que as fôrças que as desempenham devem realizá-las montadas, ninguém pode negar. Cumprir tais missões foi o papel da Arma chamada Cavalaria e hoje é o papel da Arma chamada "Armor". Mas, os carros são armas que empregam ambos ramos do Exército, a Infantaria e as "Fôrças Blindadas".

Os carros são elementos de grande mobilidade que empregam armas de apoio blindadas e, das quais, precisam para seu apoio, a Infantaria e as Fôrças Blindadas. O mesmo carro pode cumprir ambas missões; porém, no primeiro caso, apolando a ação do soldado a pé ao ritmo de ação da Infantaria, enquanto que, no segundo, apoio a ação do soldado montado, ao ritmo da ação da Cavalaria.

Suponhamos que se empreguem os carros para conduzir um ataque. Se o ataque é da Infantaria, os carros só podem avançar tão depressa e ir tão distante quanto possam acompanhá-los os soldados a pé; o efeito de que os carros façam avanços curtos e rápidos e esperem depois que os soldados a pé cerrem sobre eles não altera o fato fundamental.

Se o ataque é levado a cabo por Fôrças encouraçadas (blindadas), os carros podem avançar a velocidade e a distância que as fôrças montadas possam alcançar.

Outra denominação imprópria deu origem à confusão no quadro da mobilidade: a de "Infantaria Blindada". Este nome é desorientador, uma vez que os soldados combatem, unicamente, a pé.

Nossos "infantes blindados" têm que se converter, efetivamente, em ginetes, montados em um veículo que os permita combater montados, ao mesmo tempo que lhes proporciona a possibilidade que

tinham os nossos soldados de Cavalaria de apeiar e combater a pé quando a ocasião o exigia; possibilidade que as tripulações dos nossos carros não têm. É aqui onde se apóia a base da nossa moderna Cavalaria; uma montada mecânica sobre a qual o soldado possa combater, da qual possa descer à terra para combater a pé, e que o permita passar rapidamente de um a outro destes métodos de combate.

A este respeito não devemos permitir que a preocupação para melhorar nossos carros possa comprometer o desenvolvimento desta outra classe de veículo de combate. Desde o princípio de nossa evolução anterior à II Guerra Mundial, nossos veículos de combate haviam atingido um grau que permitia a esperança de poder fazer junta a necessidade de combater montados. Se os projetos não se orientarem demasiado para conseguir uma "completa proteção"; se conseguirmos um tipo que permita o emprêgo eficaz das armas dos soldados nêle montados (embarcados), e se o dotarmos de mobilidade e velocidade suficiente e dispusermos delas em número adequado, feremos recuperado a possibilidade de combatermos montados. O histórico de várias de nossas Divisões Blindadas durante a II Guerra Mundial proporciona numerosos exemplos de Cavalaria moderna. Tal Cavalaria, assim como a Infantaria, necessita o apoio dos carros; na realidade, o precisa ainda mais a Cavalaria.

Orientar o Exército americano para um padrão que o adapta ao tipo requerido para uma guerra em certas regiões reduzidas do Pacífico é fazer oposição a um desastre. Não precisamos reviver o nome de "Cavalaria" se, como parece, seja como um anátema para muitos, é de maior importância que estejamos preparados para cumprir as missões específicas da Cavalaria. Necessita-se aumentar a mobilidade dos espíritos para sentir este problema. Nos Continentes da Europa, Ásia ou África, nenhum Exército terrestre, seja da importância que fôr o apoio aéreo que receba poderá ganhar uma guerra, se não dispuser de forças de mais mobilidade que a Infantaria. Empregando-se a nossa terminologia atual, estas forças devem estar organizadas em Divisões Blindadas que formam um ou mais Exércitos blindados. Mesmo nossas Divisões Blindadas tendo tido numerosos êxitos na campanha da Europa de 1944-45, não foram empregadas em u'a massa que poderia ter alcançado a decisão em 1944. Houve uma razão. Como possuíam muitos carros e poucos "cavalos blindados", estas Divisões dependiam das Divisões de Infantaria, e o veículo da Infantaria blindada não tinha suficiente mobilidade e potência de fogo. Fizeram-se muitos progressos e ainda se esperam mais e, desde aquela data conseguimos uma bem equilibrada Divisão Blindada que pode combater montada ou a pé, que pode cumprir as missões da Cavalaria na batalha e que pode fazer frente, com êxito, às forças soviéticas superiores em qualquer teatro continental.

Devemos impedir que o "Slogan" e a Tática da equipe "Carros-Infantaria" nos leve a esquecer a importância da equipe montada,

a de "Carros-Cavalaria". Há que impedir também que a guerra restrita, política e geograficamente, da Coréia nos cegue até nos fazer perder de vista que a guerra decisiva dificilmente deixará de ser continental. Deveremos, por último, impedir que a preocupação pela "massa" obscureça a nossa visão de "mobilidade".

A II Guerra Mundial chegou a ser uma guerra de posições enquanto se perdeu a mobilidade. A II Guerra Mundial viu ressurgir a mobilidade, mas só em parte, porque a substituição do cavalo de sangue pelo de aço não foi perfeita e porque muitos Comandos pensavam que o papel da Cavalaria tinha passado.

O lado que possa contar com Chefes que acreditem e sintam a mobilidade, que organize Exércitos nos quais as proporções das forças montadas e a pé sejam equilibradas e que no campo de batalha empregue adequadamente massas e mobilidade, ganhará as batalhas terrestres da próxima guerra. Não é preciso um grande esforço de imaginação para se dar conta de que a cooperação do Exército do Ar (Incluído o emprêgo de forças aerotransportadas) exija forças montadas bem equipadas e autônomas. Nenhum país nos proporcionou este tipo de forças.

A mobilidade inicia-se no pensamento. Os Chefes devem pensar como se estivessem montados. Temos muitos Chefes deste tipo na América.

O aspecto econômico, ainda que muito importante, não nos deve assustar. Não se trata de aumentar muito o número de carros, que custam um quarto de um milhão de dólares. Requer uma grande produção de cavalos de aço para soldados da Cavalaria, relativamente pequenos e baratos (em relação com os carros), veículos muito rápidos e ágeis, capazes de transportar uma Esquadra com suas possibilidades de fogo, para cooperar com os carros e apoiados pela Artilharia e Engenharia, igualmente bem montados, formando Unidades que possam combater montadas, a pé ou combinando as duas formas de combater.

Esta não é uma idéia nova. Tão pouco não há novidade na equipagem, exceto as melhoras que se possam introduzir. Existe algo, porém, de novo, verdadeiramente alarmante na tendência corrente de pensamento para formas retrógradas, para as trincheiras, as posições, as massas humanas e as mentes sem idéias da mobilidade, e a defensiva; *este é o caminho para perder uma guerra!*

Façamos do Exército americano um Exército equilibrado, com uma Divisão Blindada, pelo menos, para cada três de Infantaria, e duplo número de Divisões Blindadas para o Exército que destinarmos à Europa, donde outras nações possam nos proporcionar melhor as Divisões de Infantaria. Revivamos a "mobilidade mental" que criará e será capaz de empregar um Exército americano em que a massa e a mobilidade estejam equilibradas.